Brighter Days Ahead: autoficção e memória na narrativa audiovisual de Ariana $Grande^{I}$

Max Suel Praxedes² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

A pesquisa analisa o curta-metragem *Brighter Days Ahead* (2025), dirigido por Ariana Grande e Christian Breslauer, com foco na articulação entre memória e autoficção por meio da personagem Peaches. O estudo investiga como experiências íntimas ganham forma simbólica e apresenta o curta como extensão afetiva e narrativa do álbum *Eternal Sunshine*. A metodologia articula a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) e a Análise Fílmica (Vanoye e Goliot-Lété, 2011), com foco nos eixos temáticos de perda, reconexão e reconstrução subjetiva. Os resultados apontam para uma narrativa que elabora afetos e dramatiza a memória como percurso estético de reorganização simbólica do eu.

PALAVRAS-CHAVE: Ariana Grande; Autoficção; Memória; Narrativa audiovisual; Subjetividade.

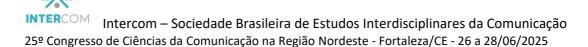
INTRODUÇÃO

Lançado em 28 de março de 2025, *Brighter Days Ahead* é um curta-metragem protagonizado e idealizado pela artista norte-americana Ariana Grande como parte da versão *deluxe*³ do álbum musical *Eternal Sunshine*. O filme propõe uma continuidade narrativa e estética do universo sonoro do álbum, mas o faz por meio de uma linguagem audiovisual que entrelaça performance, encenação e construção dramática. O curta não se limita à função promocional de um videoclipe: nele, cada canção funciona como um capítulo que compõe uma trajetória emocional autobiográfica, marcada por perdas, reconciliações e transformações afetivas. A obra, portanto, apresenta uma artista que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25° Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM/UFRN). Email: massuelpraxedes@gmail.com.

³ No campo da indústria fonográfica, *deluxe* corresponde a uma edição estendida de um álbum musical, lançada com faixas adicionais ou materiais inéditos, com o objetivo de expandir a obra original e renovar seu ciclo de consumo.



revisita suas memórias, ficcionaliza sua própria história e converte experiências sensíveis em criação estética.

Nesse contexto de expansão narrativa, o curta articula música e imagem, som e memória, por meio de um enredo ficcional inspirado em vivências pessoais da intérprete. Ariana Grande retoma a personagem Peaches, introduzida no videoclipe da faixa *We Can't Be Friends (Wait for Your Love)*, lançada como parte do álbum *Eternal Sunshine*, em 2024. A trama do curta gira em torno da empresa fictícia *Brighter Days Inc.*, que oferece aos clientes a possibilidade de reviverem uma memória antes de apagá-la, retomando a premissa central do filme *Eternal Sunshine of the Spotless Mind* (2004), dirigido por Michel Gondry (Mishra, 2025, *online*). Esse recurso ficcional permite transpor experiências subjetivas para uma linguagem simbólica, organizando afetos por meio de uma performance narrativa intimista.

A estrutura simbólica do enredo desperta questões sobre os modos como a memória e a subjetividade são representadas no audiovisual contemporâneo. O problema que orienta esta investigação diz respeito a como o curta-metragem *Brighter Days Ahead* mobiliza recursos da autoficção para elaborar visualmente experiências íntimas e construir uma narrativa simbólica de reconstrução emocional. A relevância da pesquisa reside na análise de como produções audiovisuais contemporâneas articulam memória e subjetividade por meio de estratégias ficcionais e performáticas.

A partir disso, este trabalho tem como objetivo analisar a obra como proposta narrativa que integra autoficção e memória, articulando linguagem visual e universo musical em um mesmo percurso simbólico. A hipótese da pesquisa considera que o filme elabora visualmente um processo de reconstrução subjetiva, estruturado por meio da personagem Peaches. O enredo incorpora recursos documentais, performativos e ficcionais, convertendo experiências íntimas em imagens simbólicas marcadas por perda, esquecimento e ressignificação afetiva.

A investigação adota abordagem qualitativa com base em dois procedimentos metodológicos complementares: a Análise de Conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (2016), e a Análise Fílmica, segundo os referenciais de Vanoye e Goliot-Lété (2011). A articulação dessas metodologias contribui para interpretar o curta como dispositivo narrativo no qual memória e autoficção convergem na construção simbólica de uma subjetividade em processo de elaboração afetiva.

AUTOFICÇÃO E MEMÓRIA EM CENA: A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE PEACHES

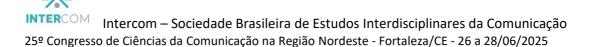
Conforme analisa Martins (2014), o conceito de autoficção — formulado pelo escritor francês Serge Doubrovsky — diz respeito a uma forma narrativa que combina experiências vividas com elementos ficcionais. A autora entende essa escrita como um território híbrido entre autobiografia e romance, em que a fragmentação ocupa o lugar da linearidade tradicional. Nessa abordagem, o interesse não recai sobre a fidelidade biográfica, mas sobre a liberdade do autor para transformar passagens íntimas em construção literária.

A autoficção, segundo Klinger (2012), opera como uma constelação de memórias, diários e ficções do eu. Essa construção discursiva permite que a autora ou autor fabrique sentidos a partir de episódios pessoais, combinando encenação, lembrança e reinvenção. Klinger define esse gesto como uma máquina produtora de mitos, que expõe zonas de contato entre o vivido e o imaginado. No campo do audiovisual, essa estrutura adquire força estética por meio da performance, da imagem e da música.

Ariana Grande ativa esse recurso narrativo ao construir a personagem Peaches, figura central no curta *Brighter Days Ahead*. Peaches não representa apenas uma extensão dramatizada da artista, mas uma forma simbólica de reorganizar afetos, dores e traumas. A história apresenta a personagem em idade avançada, diante da possibilidade de reviver e perder para sempre suas memórias. A jornada resgata episódios marcados por rupturas emocionais, desgaste público e vínculos familiares frágeis.

A memória, nesse enredo, aparece como força em transformação contínua. Embora escritos há algumas décadas, os estudos de Nora (1993) e Pollak (1992) permanecem fundamentais para compreender as dinâmicas entre lembrança, identidade e representação. Nora destaca a diferença entre história e memória: enquanto a história representa o passado, a memória atua como elo afetivo no presente. Já Pollak entende que a memória exige um trabalho constante de coerência e de organização do vivido. No curta, esse movimento surge de forma literal, pois a protagonista revisita lembranças com a plena consciência de que o resgate implicará em apagamento.

A construção da memória individual atravessa também relações coletivas. Halbwachs (2006) afirma que todo ponto de vista pessoal depende das conexões sociais nas quais o sujeito está inserido. Em *Brighter Days Ahead*, Peaches revive cenas que



envolvem o pai, o ambiente familiar, o universo do entretenimento e o impacto da fama. A memória, portanto, ganha contornos partilhados, e a narrativa se posiciona como testemunho sensível de uma trajetória atravessada por afetos múltiplos e redes simbólicas.

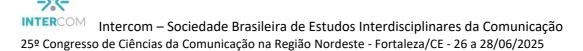
Essa dimensão compartilhada da experiência remete à noção de ficção de nós, proposta por Souza (2017). A autora define o conceito como uma forma de performance coletiva que transforma vivências banais em material estético. O curta utiliza esse recurso para criar imagens em que o eu não aparece isolado, mas interligado a redes de afeto, conflito e reconstrução. A autoficção, nesse contexto, ultrapassa a esfera individual e se configura como estratégia de construção de memória, identidade e permanência simbólica.

PERCURSOS DA MEMÓRIA: IMAGENS, SONS E AFETOS EM *BRIGHTER* DAYS AHEAD

A organização da análise seguiu dois procedimentos metodológicos complementares. A partir da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), foi realizada uma categorização temática com base em unidades de registro simbólicas e narrativas recorrentes, como objetos, cenários, gestos performáticos e estruturas de memória vinculadas às faixas musicais. Esses elementos foram agrupados em três eixos centrais: perda, reconexão e reconstrução subjetiva. Já a Análise Fílmica, segundo Vanoye e Goliot-Lété (2011), orientou a decomposição do material audiovisual em recursos formais — enquadramentos, montagem, trilha sonora e organização visual — que operam na construção estética da memória e da subjetividade da personagem Peaches.

A estrutura do curta é organizada a partir de quatro memórias resgatadas pela personagem Peaches, vivida por Ariana Grande. A primeira, ativada ao som da faixa "Intro (End of the World)", apresenta imagens da infância e cenas familiares, com estética de vídeos caseiros e atmosfera melancólica. Em seguida, "Eternal Sunshine" e "Dandelion" conduzem a memória relacionada à carreira artística da protagonista, que aparece em estúdios e ambientes performáticos. Esses fragmentos estabelecem conexões entre criação musical, identidade e permanência afetiva.

A terceira memória, representada pelas faixas "*Twilight Zone*" e "*Supernatural*", apresenta um cenário de colapso simbólico, entendido aqui como a desestruturação visual e emocional dos elementos que sustentavam um vínculo afetivo. Peaches caminha por



espaços em ruínas, cercada por objetos que remetem à dissolução de um vínculo amoroso instável e emocionalmente desgastante. A narrativa visualiza a perda afetiva por meio da deterioração dos espaços e da abdução final da personagem, o que metaforiza o apagamento da lembrança. A última memória, guiada pela faixa "*Hampstead*", desloca o foco para o pai de Peaches, que revive momentos com a filha e tenta reconstrui-la por meio da ciência e da música. A estética inspirada na ficção científica dramatiza a tentativa de preservação afetiva frente à morte e ao esquecimento.

Durante os créditos finais, a canção "We Can't Be Friends (Wait for Your Love)" reaparece em versão acústica, encerrando a trama com um tom intimista. Todas as faixas da trilha sonora integram as duas versões do álbum Eternal Sunshine: a original, lançada em 2024, e a edição deluxe, de 2025, intitulada Eternal Sunshine Deluxe: Brighter Days Ahead, publicada simultaneamente ao lançamento do curta. A presença das mesmas faixas em ambos os formatos reforça a proposta de continuidade estética e narrativa entre os dois produtos, evidenciando a integração entre linguagem musical e audiovisual como parte de um mesmo projeto artístico expandido.

A análise das estruturas narrativas permite identificar três eixos temáticos predominantes: perda, reconexão e reconstrução subjetiva. Esses núcleos se articulam nas escolhas visuais e nos gestos performáticos da personagem, projetando a memória como força instável e produtiva. A música, ao ser incorporada à estrutura da obra como fio condutor, não apenas organiza a cronologia emocional da protagonista, mas também reforça a dimensão sensível daquilo que se recorda. O curta, portanto, converte a memória em experiência estética e dramatiza a tensão entre recordar e esquecer como parte da construção simbólica do eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do curta *Brighter Days Ahead* demonstrou como Ariana Grande articula elementos de autoficção e memória em uma narrativa audiovisual marcada por sensibilidade estética e afetiva. A construção da personagem Peaches revela uma jornada simbólica de reorganização emocional na qual música, imagem e performance convergem para narrar experiências íntimas por meio da ficção.



Os resultados confirmam a hipótese inicial de que o curta elabora um processo de reconstrução subjetiva por meio da personagem. A análise revelou eixos temáticos centrais — perda, reconexão e reconstrução subjetiva — que estruturam a composição dramática e reforçam a função do filme como extensão afetiva e simbólica do álbum *Eternal Sunshine*.

Como desdobramento da pesquisa, investigações futuras podem explorar a autoficção em outras produções audiovisuais, bem como desenvolver estudos comparativos sobre memória, performance e identidade em construções midiáticas. Concluímos, então, que a relação entre música e narrativa visual representa um campo promissor para o estudo das formas contemporâneas de autorrepresentação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

GRANDE, A; BRESLAUER, C. **Brighter Days Ahead**. YouTube, 2025. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yj1Kvhog6PU. Acesso em: 2 de maio de 2025.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

KLINGER, D. **Escritas de si, escritas do outro:** o retorno do autor e a virada etnográfica. 3. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MARTINS, A. F. **Autoficções:** do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MISHRA, A. Why does Ariana Grande call herself Peaches? Singer's character in music videos is inspired by Kate Winslet. Sportskeeda, 2024. Disponível em:<www.sportskeeda.com/us/music/why-ariana-grande-call-peaches-singer-s-character-music-videos-inspired-kate-winslet-s-2004-movie?utm source=chatgpt.com>. Acesso em: 2 de maio de 2025.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: PUC-SP. 1993.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Núcleo de Memória da PUC-Rio, 1992. Disponível em:< http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/system/files/acervo-livre/cg0181/textocg0181013.pdf>. Acesso em: 2 de maio de 2025.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 26 a 28/06/2025

SOUZA, S. F. **As ficções de nós na filmes de plástico:** reflexividade, intimidade e partilha no cinema brasileiro contemporâneo. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2011.